



A POLITIZAÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A INFÂNCIA EM CENÁRIOS DE PEDOFILIZAÇÃO SOBRE O CORPO

Ivana Martins Rosa¹
 Patrícia de Moraes Lima²

RESUMO

O texto tem por objetivo discutir sobre a pedofilização e as práticas sociais que incidem sobre o corpo na infância a partir de uma pesquisa etnográfica, iniciada em 2014, com crianças moradoras de uma comunidade na região da grande Florianópolis. Em tempos tão alertas à defesa, garantia e promoção dos direitos das crianças, vive-se uma paradoxal imagem que incide sobre a violação dos seus direitos, em especial, a rede de consumo e a marca intergeracional caracterizada pela pedofilização da infância na contemporaneidade. A pesquisa etnográfica nesta comunidade possibilita compreender como as crianças incorporam essa *linguagem social* das violências em seus cotidianos e como assimilam como *próprio* e *natural* um corpo adultizado, erotizado e consumido.

Palavras-chave: Infância; Corpo; Pedofilização; Politização; Violências.

THE POLITICIZATION OF DISCOURSES ON CHILDHOOD IN PEDOPHILIZATION SCENARIOS ON THE BODY

ABSTRACT

The text aims to discuss on pedophilization and social practices that focus on the child's body from an ethnographic research, which began in 2014, with children living in a community in the Great Florianópolis. In alert to defense times, safeguarding and promoting the rights of children, we live a paradoxical image that relates to the violation of their rights, especially to the consumer network and intergenerational brand characterized by childhood pedophilization nowadays. The ethnographic research in this community enables us to understand how children incorporate this *social language* of violence in their daily lives and how they assimilate as natural a body similar to the adult one, eroticized and consumed.

Keywords: Childhood; Body; Pedofilização; Politicization; Violence.

LA POLITIZACIÓN DE LOS DISCURSOS SOBRE LA NIÑEZ EN ESCENARIOS DE PEDOFILIZACIÓN SOBRE EL CUERPO

RESUMEN

El texto tiene por objetivo discutir sobre la pedofilización y las prácticas sociales que inciden sobre el cuerpo en la niñez desde una investigación etnográfica iniciada en 2014, con niños habitantes de una comunidad en la región de la gran Florianópolis. En tiempos tan alertas a defensa, garantía y promoción de los derechos de los niños, vivimos una paradoxal imagen que incide sobre la violación

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Rede Municipal de Educação de Florianópolis. E-mail: <ivanamros@gmail.com>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e da Área Educação Infantil no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Violências-NUVIC/UFSC. E-mail: <patricia.demoraeslima@gmail.com>



de sus derechos, en especial la red de consumo y la marca intergeneracional caracterizada por la pedofilización de la niñez en la contemporaneidad. La investigación etnográfica en esta comunidad haz posible comprender cómo los niños corporizan ese *lenguaje social* de las violencias en todos los días, y cómo asimilan como *propio* y *natural* un cuerpo hecho adulto, erotizado y consumido.

Palabras-clave: Niñez; Cuerpo; Pedofilización; Politización; Violencias.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de uma pesquisa etnográfica iniciada em 2014, com crianças em uma comunidade da região continental de Florianópolis-SC, e compõe o acervo de um projeto de pesquisa-extensão guarda-chuva, que visa a proporcionar experiências no cotidiano das práticas sociais e educativas destinadas às crianças nesta comunidade. Com isto, busca-se conhecer como a infância é significada nos diferentes espaços institucionais e não institucionais e, desta forma, refinar a sensibilidade do olhar para as vivências das crianças, suas interações e criações culturais.

O cenário no qual incide o texto recorta um universo significativo de crianças que, na contemporaneidade, encontram-se enredadas nas malhas das novas tecnologias que atravessam suas infâncias. Não há como nos isentarmos das análises sobre como os artefatos culturais mediados pelas novas tecnologias habitam as vidas das crianças. Neste sentido, este texto tem por objetivo discutir sobre a pedofilização e as práticas sociais que incidem sobre o corpo da infância e como, em tempos tão alertas às Redes de Proteção à Infância, vivemos essa paradoxal imagem das crianças consumidas por práticas de violação de seus direitos.

A escolha metodológica deste trabalho inscreve-se na etnografia *com* crianças, com olhar apurado para a produção dos sentidos e para as formas como as crianças reelaboram a cultura adulta na qual estão mergulhadas. A proposta de aproximação do olhar retira a postura adultocêntrica da pesquisa, permitindo às crianças o papel de agente social, superando as perspectivas modulares que as definem como sujeitos passivos, possibilitando que possam produzir e gerar os dados que compõem sua própria existência.

CORPO E PEDOFILIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Assistimos, no decorrer da história da infância, o alinhamento do conceito **infância** a um lugar de *incapacidade, ingenuidade, sem razão* e, vale aqui destacar, nesta reflexão que estamos a propor, *sem sexualidade*. Esses atributos concedem às crianças a tutela sob a perspectiva de barganha, uma relação de proteção e usurpação de seus direitos e que vamos, no decorrer deste texto, mostrar como este cenário se inscreve no cotidiano das práticas sociais envolvendo as crianças.

Felipe (2006a, p. 205) afirma que, “*a partir de tais concepções, a erótica infantil foi invisibilizada ou mesmo negada*”, não sendo até os anos 90 do século XX, por exemplo, a prática de abuso sexual contra crianças uma preocupação do poder público e da sociedade em geral. Somente a partir da Constituição Federal de 1988 e do ECA, em 1990, essa prática passa a ser crime e entra na agenda de prioridades das instituições que congregam as Redes de Proteção. Essa nova representação da infância expressa modificações no que diz respeito aos seus direitos básicos, e as questões ligadas às violências e relações sexuais entre as crianças e adultos ganham notoriedade. Desta forma, a sexualidade das crianças passa a ser fiscalizada de maneira intensa pela sociedade, sobretudo através das práticas que incidem de diferentes maneiras sobre o corpo da infância. Junto a essa atenção, paradoxalmente, percebe-se um aumento significativo de redes de consumo que passam a incorporar a infância como um elemento viável aos interesses de lucros e giro provenientes do capital.

Temos, por um lado, a politização da infância, que tem oportunizado a denúncia, tornando-se cada vez mais frequente ouvirmos noticiar, através da mídia, crimes sexuais bárbaros cometidos com crianças e adolescentes, confirmando a urgência do combate ao pedófilo e à prática da pedofilia. Por outro lado, encontramos números alarmantes, que colocam o Brasil em 4º lugar no *ranking* de material pornográfico produzido com imagens de crianças e adolescentes submetidas a todas as formas de violência, o que justifica a preocupação da sociedade com esse crime. Esse panorama nacional e mundial demanda um olhar de cuidado na luta contra os abusos e exploração sexual infantil, da mesma forma que a legitimidade de práticas sociais contemporâneas que acionam os corpos da infância de forma erotizada, sobretudo através da mídia (FELIPE, 2006a).

Nesse cenário emblemático da contemporaneidade, podemos pautar a questão

da pedofilização da infância como um elemento que se inscreve pela marca intergeracional adulto *versus* criança, em movimentos de muita reversibilidade, pois, ao mesmo tempo em que se ancoram práticas de defesa e proteção, estamos igualmente produzindo violações no tempo da infância através da erotização do seu corpo, aliado ao consumo de uma imagem adultizada e erotizada. Com isso, precisamos localizar que o conceito de pedofilização que estamos aqui a trabalhar, e que foi inicialmente cunhado por Felipe (2006a), permite compreender como se engendram, na contemporaneidade, novas formas de violências contra a infância, e como novos artifícios denotam, ao corpo infantil, um lugar social envolto por uma adultização desenfreada. Para nós, o conceito de pedofilização penetra diretamente em uma discussão sobre o corpo enquanto um constructo social, político e cultural. Diferente da compreensão de muitos, onde o corpo é somente biológico, e por isso *natural*, o debate inaugurado por Felipe (2006a) enreda a percepção do corpo como da própria identidade. Neste sentido, a identidade é “algo impresso pela cultura na medida em que identidades são nomeadas a partir de um determinado contexto e de expectativas que se criam em torno delas, como por exemplo, ser homem ou mulher, ser homo ou heterossexual” (FELIPE, 2006b p. 253).

O corpo não é perpétuo, ele vai sendo gestado de acordo com as condições de vida e as possibilidades culturais na qual está inserido e, desta forma, vai ganhando seus contornos e marcas, que constrói, destrói ao mesmo tempo em que se reconstrói, refletindo, assim, os interesses da sociedade. Essa mutação nos arremessa para tempos históricos que atravessam o percurso que circunscreve a história do corpo, e que refletem no tempo presente. Vamos, através do nosso corpo, construindo adequações que normatizam comportamentos, assim incorporando modos de ser e estar no mundo civilizado. O corpo inscreve o que somos.

Em uma relação de poder, o corpo impõe resistência por formas e contornos diversos, que extrapolam a moral. São inventados e reinventados, são transgressores, fogem e se transformam em outros, criando linhas de fuga da regulação imposta. Ao mesmo tempo, as formas de controle também se renovam; corpos que se inventam a partir das culturas vividas. De um lado, os corpos *diferentes, desviantes*, que precisam ser corrigidos; e do outro, corpos *normais, comuns*, que são produzidos de forma arbitrária por artefatos e atitudes como apropriados e autênticos (LOURO, 2004).

A entrada do século XX, com o acelerado processo tecnológico e as novas imposições culturais, dita ao corpo um novo paradigma. Passamos a incorporá-lo como objeto de consumo, erotizado, que sofre com a ditadura da beleza, em um infinito desejo de atraso do envelhecimento. O consumo desenfreado também sugere que o corpo maduro não tenha a mesma valoração do corpo *novo*. O padrão exigido passa a representar a perspectiva de um corpo magro, branco, jovem e sensual, desqualificando tudo aquilo que foge a este modelo, achando feio o que não é espelho. Os novos discursos vão habitando nos corpos de modo que se acomodam, carregando-os como o seu próprio sangue (LOURO, 2004). Nossos corpos representam a nossa marca. São significados na cultura e vão se atualizando por ela própria. “Na contemporaneidade, podem ser entendidos como mensageiros, produzidos na pluralidade de culturas e práticas educativas” (FELIPE, 2006b, p.258) que, vale aqui ressaltar, não se resume aos espaços institucionalizados.

A história cobre e descobre os corpos de forma que vão noticiando sua trajetória, seus contornos. Os novos tempos têm provocado frestas na arquitetura montada para as crianças, na modernidade. Com as novas práticas de consumo e avanço tecnológico, o projeto de pedagogização, que cogitou a imagem da criança como inocente, tem sofrido expressivas transformações na configuração da sociedade, não sendo mais as instituições educativas os únicos espaços de formação. Assim, através das pedagogias culturais, a mídia *reinventa*, na contemporaneidade, a imagem da criança consumidora. As propagandas publicitárias mostram meninos absorvidos pelo mundo digital, e as meninas veiculadas como pequenas mulheres provocantes (CÂMARA, 2007).

Os artefatos culturais, ao mesmo tempo em que contornam o ser e o estar no mundo das crianças, fornecem a possibilidade de resistência, de um exercício de poder por parte das crianças, que não somente assimilam a cultura, mas são produtoras e recriam as possibilidades pelos quais habitam o mundo. Na atualidade, principalmente através da mídia, temos uma gama de produtos materiais que despertam um estado de insatisfação, provocando a cobiça daquilo que ainda não se tem acesso, para que possa compor um mundo globalizado e socialmente aceito (MOMO, 2012). O universo infantil passa a ser alvo dessa maquinaria pela qual se inscreve o consumo. As crianças transformam-se em consumidoras em potencial, ao mesmo tempo em que se tornam mercadorias a serem consumidas. O corpo infantil transforma-se em alvo de investimentos e consagração (FELIPE;

GUIZZO, 2003). Retomemos aqui o conceito inicial de pedofilização, que nasce desse entrelaçamento, um novo corpo da infância que se atualiza nas teias dos artefatos culturais que tecem a sua subjetividade, constituindo, assim, uma relação de poder sobre os mesmos.

Segundo Felipe e Guizzo (2003, p. 128),

os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, em jornais, revistas, propagandas, *outdoors*, e, mais recentemente, com o uso da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade.

Nesse processo, as crianças estão colocadas como centralidade e, através de seus corpos, vão sendo produzidas pelos ideais de uma sociedade de consumo, que fabrica a estética a ser perseguida. Para Nunes (2009), o corpo projetado na lógica do mercado remete à imagem de corpos infantis onde os conceitos de beleza e sensualidade não estão atrelados à maturidade, mas ao corpo jovem. Tais conceitos refletem sobre o cotidiano das crianças, onde as mesmas são convidadas a participar e desejar tudo que possa valorizar os seus corpos.

O próprio corpo é esculpido na cultura, de forma que sutil e naturalmente adere às expectativas construídas para si. Transformá-lo naquele corpo que ilustra a propaganda de bebidas, chinelos, ou qualquer coisa, desde que remeta ao que é veiculado pelos meios de comunicação, é experimentar as sensações prometidas no universo midiático e agregar valor a ele (NUNES, 2009, p.46).

No caso da infância, os brinquedos e brincadeiras passam a ser precocemente substituídos por bolsas e maquiagens. A ludicidade dá lugar à forma dos modos de agir característicos do mundo do adulto. O que veem e ouvem através dos artefatos a que estão submetidas determinam a sua subjetividade, provocando um *borramento* da fronteira entre ser adulto e ser criança (FELIPE, 2006b).

Esse projeto *corporal* que expõe as crianças e adolescentes sob a marca cultural do adulto anuncia contradições frente aos documentos que legitimam sua proteção de forma integral. Ao mesmo tempo em que as leis instituídas protegem as crianças de abusos e violências sexuais, essas são lançadas nas tramas dos artefatos culturais, sob os interesses comerciais, que erotizam e disseminam estilos a serem consumidos precarizando suas condições de cuidado e proteção estabelecidas.

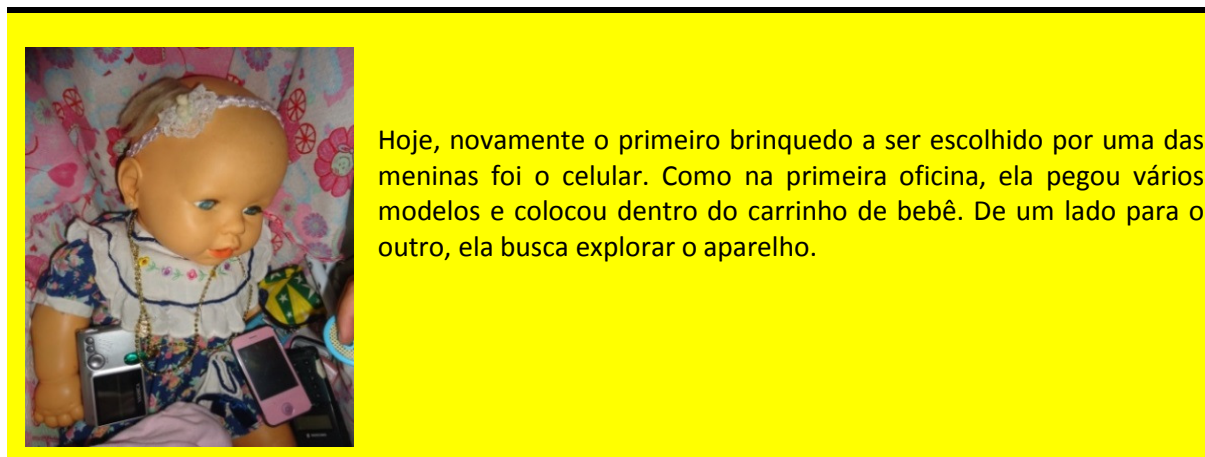
ARTEFATOS QUE POSICIONAM O MUNDO SOCIAL DA INFÂNCIA

Os fragmentos aqui apresentados resultam da pesquisa etnográfica iniciada em 2014 junto a crianças com idades entre 6 a 10 anos de uma comunidade na região continental de Florianópolis. A comunidade é composta por diferentes arranjos familiares provenientes de várias cidades do estado de Santa Catarina que, na década de 90, ocuparam essa região e lutaram por trabalho e moradia. Atualmente, foram muitas as conquistas que, através dos movimentos sociais organizados por essa comunidade, foram consolidadas, apesar de continuarem a sofrer muita discriminação por considerarem esse espaço como *violento, perigoso e de grande vulnerabilidade social*. Os registros aqui apresentados compõem o acervo da pesquisa, e referem-se a três oficinas vivenciadas no *Museu do Brinquedo*, com duração de 80 minutos cada uma. Nessas oficinas, as crianças tiveram a oportunidade de brincar com todos os artefatos lá disponíveis. Esse *tempo de brincadeira* permitiu observar e melhor compreender como são ressignificados os brinquedos que são endereçados a elas. A escolha por esse lugar justifica-se por representar um encontro com as infâncias da comunidade Chico Mendes, já que os brinquedos ali expostos são recolhidos na própria comunidade, revelando, de alguma forma, as infâncias vividas pelas crianças participantes da pesquisa.

Foi a partir da observação atenta das crianças nesse espaço que pudemos conhecer, com mais precisão, as marcas que compõe a erotização dos corpos infantis. Buscamos centrar nossa atenção desde as escolhas pelos brinquedos, a composição das brincadeiras, as narrativas que ali se faziam presentes e os arranjos provenientes das interações entre as crianças, os artefatos e o espaço.

Na figura abaixo, encontramos um dos artefatos mais requisitados pelas crianças –*celular* –, sobretudo pelas meninas, tornando-se peça marcante nos encontros que foram realizados.

Figura 1 - Celulares



Fonte: Caderno de campo 26/05/2014.

O celular parece ter um ímã que atrai a atenção das meninas, de forma a passarem muito tempo com os aparelhos nas mãos, executando, ao mesmo tempo, outras tarefas sem fazer o uso do mesmo. Temos, na criança contemporânea, o que Dornelles (2008) chama de Ciberinfância, a infância da multimídia e das novas tecnologias. Para a autora, fazem parte da infância *cyber* "as pedagogias culturais que concorrem para engendrar as crianças numa variedade de espaços sociais, incluindo e não se limitando ao espaço escolar" (DORNELLES, 2008 p. 81).

Figura 2 - Celular: extensão do corpo



Fonte: Caderno de Campo: 21 e 26/05/2014.

Nessa configuração social, os *espaços ciber* têm se revelado como essenciais para as crianças desse tempo. O celular colado às crianças participantes dessa pesquisa aderem-se como uma extensão do seu próprio corpo, e se configuram com um magnetismo onde a atração está associada ao que esse aparelho possa representar e proporcionar a elas. Um universo de possibilidades atravessa o caminho dessa tecnologia, entre elas, a visibilidade do corpo, centrada em um projeto de autoafirmação e globalização da própria identidade.

- _ Ouvir música, jogar joguinho, entrar no face (Daniele).
- _ Você tem um facebook? (pesquisadora).
- _ Não, minha mãe e minha irmã têm, e eu entro no delas (Daniele).
- _ Para que serve o facebook? (pesquisadora).
- _ Para colocar fotos (Daniele).

Fonte: Caderno de Campo: 29/05/2014.

Vamos, aqui, pensar nas fotos que normalmente são postadas nas redes sociais, ou melhor, vamos pensar sobre as fotos que as pessoas postam de si. A imensa maioria é de imagens que garante uma visibilidade aceitável aos olhos do outro. Como em uma apresentação onde o palco são as redes sociais, o número de curtidas representa os aplausos de um espetáculo. Os comentários reafirmam o que projetam sobre a imagem esperada. O corpo ganha aceitação de acordo com a projeção já feita *a priori* do que é desejável sobre ele. A exposição ocorre mediante a sinalização de *positividade* do espelho, que reflete a ditadura da beleza.

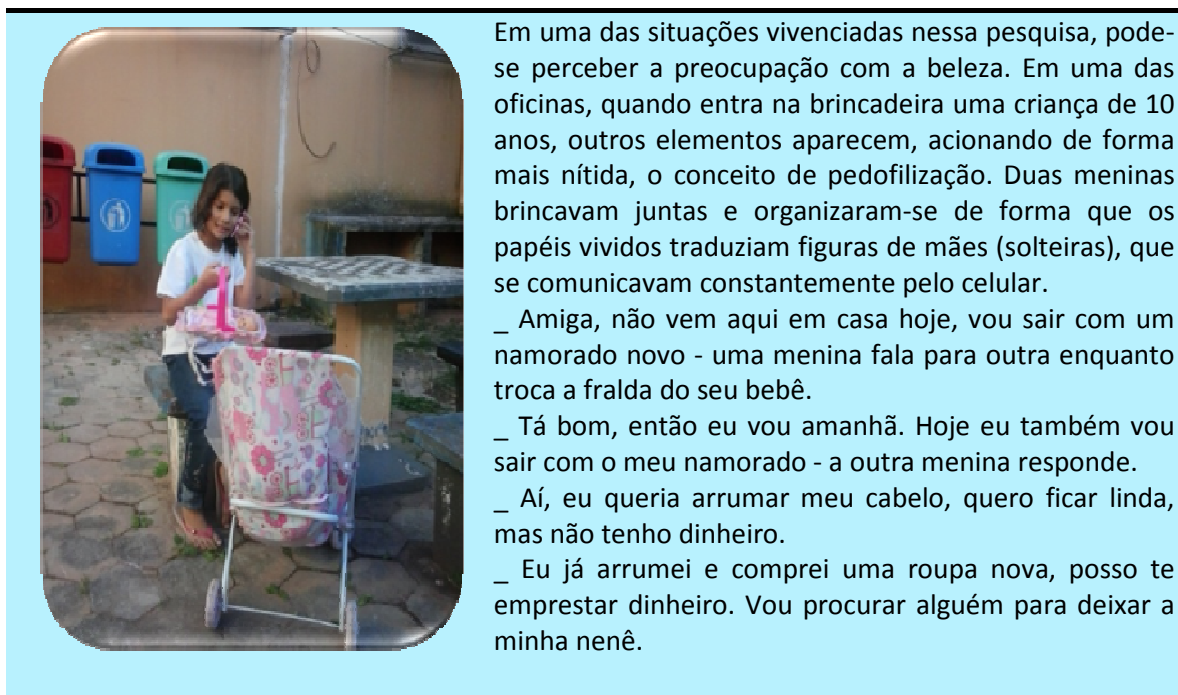
Desta forma, a tecnologia contribui para a universalização do ser, para homogeneização de uma estética propagada pela sociedade como a aceitável e consumível. Através das fotos postadas, busca-se uma posição de notoriedade, uma valorização social. Para Nunes (2009, p. 55-56),

A sociedade da comunicação instantânea é aficionada ao consumo, à aparência e a performance. Veicular imagens de si e viver uma vida sem privacidade relatando cada passo ou sensação em blogs é colocar-se em posição de ser notado, é participar do espetáculo, e, portanto, existir.

A volúpia velada por traz das poses compartilhadas incide sob a perspectiva mercadológica do corpo, onde os sacrifícios, que não são postados junto da imagem, configuram-se como verdadeiros calvários a serem superados. A beleza contemporânea está

diretamente ligada à sensualidade que, por sua vez, está engessada ao padrão de corpo que se define como magro, alto e branco.

Figura 3 - Conversa ao telefone



Fonte: Caderno de Campo: 29/05/2014.

A cena acima expressa algumas questões importantes para reflexão. Entre elas é importante salientar, mesmo sem entrar em um debate mais incisivo, que a idade da menina que entra na pesquisa na última oficina parece indicar, de forma mais contundente, o atravessamento com a pedofilização do corpo da infância. Essa indicação torna-se possível diante do fato de trazer para a brincadeira a figura do namorado, até então ausente nas brincadeiras anteriores entre as meninas. Mostra-se nessa cena, também, que o relacionamento possível é centrado na heterossexualidade, onde ambas sinalizam ter um namorado novo. Nesse recorte da brincadeira, que se estende por outros contornos, fica marcado, ainda, o pertencimento à comunidade em que vivem, já que uma grande parcela das mulheres que lá habitam são mães solteiras ou vivem relacionamentos que não se enquadram na performatividade da família nuclear.

Diante das discussões alavancadas até o momento, a cena exposta requer pensar também sobre o corpo integrado na economia de mercado. Para ficar bonita, necessitam do dinheiro para transformar seu corpo, através da roupa nova e do cabelo arrumado, naquilo que é desejado pelo outro. Ao mesmo tempo em que a criança é provocada por produtos de

última geração, confirmando a efemeridade do atual sistema de produção, ela própria é colocada como produto a ser consumido. Na esteira da vaidade, reafirma-se a necessidade do embelezamento do corpo como uma *essência* feminina (FELIPE; GUIZO, 2003).

A infância afetada pelas tecnologias e pelas mídias é notada, também, no contexto dessa pesquisa, através dos jogos disponíveis nos celulares. A última oficina foi organizada somente com os brinquedos que as crianças repetiram as escolhas nas duas oficinas anteriores. O lugar para a última oficina foi organizado no mesmo prédio onde está localizado o Museu do Brinquedo; porém, no espaço externo. Essa foi uma indicação das próprias crianças, que desejavam brincar com os artefatos em um espaço mais ampliado. Neste sentido, a terceira oficina dividiu-se entre *brincar e conversar* sobre as escolhas feitas. No primeiro momento, as crianças brincaram com os brinquedos disponíveis e, em um segundo, fizemos uma conversa mais direta acerca de suas escolhas. Sendo assim, algumas perguntas foram realizadas acerca dessas escolhas e, na sequência das respostas, as crianças sinalizam a possibilidade de jogos através do aparelho.

Que tipo de jogo vocês jogam no celular? (Pesquisadora).
_ De carrinho, do homem aranha. E tenho um vídeo game que gosto do Soldado do Inferno (Kauã).
_ Que jogo é esse? (Pesquisadora).
_ É um soldado que ele vai matando todo mundo (Kauã).
_ Eu gosto de jogo da Barbie, Monster High (Daniele).

Fonte: Caderno de Campo: 29/05/2014.

Sem pesquisar de forma mais abrangente os elementos que compõe cada game, conseguimos prever, a partir das indicações, a noção de corpo presente nos personagens de cada jogo. Heróis como homem aranha trazem consigo a força, a masculinidade que impera sobre os mais fracos. Já o *soldado do inferno* traz, na sua simbologia, a figura do diabo, indicando a maldade como centro desse entretenimento. Isso pode, inclusive, se confirmar pelas palavras do menino que diz que “é um soldado que ele vai matando todo mundo”.

Os jogos anunciados pela menina trazem para cena um corpo magro, esbelto, cultuado pela beleza. São dois tipos de bonecas, uma representada pela Barbie, que se traduz em mulher objeto, colocando-se sempre ao desejo do homem; e a outra, em uma perspectiva mais atual, trazendo a possibilidade de ser diferente do mundo padronizado.

Apesar disso, o padrão de corpo se repete e as roupas usadas por essa nova geração de bonecas reverberam um forte apelo erótico. Neste sentido, Dornelles (2012 p. 84) aponta que os “games carregam imagens como importante meio de comunicação, visto que, por meio dos diferentes tipos de corpos, de suas cores e estilos de roupas, funciona como uma Pedagogia que produz um tipo de corpo a ser consumido”.

Esses modos de divertimento percorrem também o conceito de pedofilização, visto que os mesmos carregam um forte apelo aos modos de ser homem e de ser mulher. São propositivos corporais para a infância, que buscam uma similaridade para si com aquilo que veem e acionam durante a ação do jogo. Sob os holofotes de um corpo homogeneizado, associado à beleza, sensualidade e erotização os meios de comunicação, veiculam verdades colocando-se como lugar de aprendizagens, publicando um comportamento desejável (FELIPE; GUIZZO, 2003).

Ainda sobre o uso do celular pelas crianças, as mesmas citam a possibilidade de ouvir música através dessa tecnologia.

_ Quais músicas vocês ouvem no celular? (Pesquisadora).
_ Eu gosto de música de igreja - Disse Hícaro.
_ Canta uma para eu ouvir? (Pesquisadora).
_ Não sei cantar nenhuma, respondeu o menino.
_ Qual que você sabe cantar e também ouve no celular? (pesquisadora).
_ Funk (Hícaro).
_ Sabe cantar algum? (pesquisadora).
_ Um monte (Hícaro).
Nesse momento ele inicia um funk, que é seguido também por outras crianças. A letra trata de ostentação e de sensualidade corporal.
_ Eu gosto do cantor de funk - disse um dos meninos.
_ Porque você gosta deles? (pesquisadora).
_ Eles são *baita*, são famoso e rico (Kauã).

Fonte: Caderno de Campo: 29/05/2014.

Para refletir sobre esse registro, apresentamos parte das letras dos dois funks cantados integralmente pelas crianças durante as oficinas. A partir deles, é possível compreender, de forma nítida, o conceito de pedofilização que se coloca como um borramento do tempo de ser criança.

<p style="text-align: center;">Onde Eu Chego Eu Paro Tudo³</p> <p><u>MC Boy do Charmes</u></p> <p>Onde eu chego eu paro tudo A mulherada entra em pane Meu cordão é um absurdo Meu perfume é da Armani</p> <p>De Christian ou de Oakley De Tommy ou de Lacoste De CB1000 da Honda Ou de Hyundai Veloster</p> <p>Querido na balada Bem vindo no puteiro Até que eu cheguei longe Eu sou simples sou guerreiro</p> <p>Pick-up cabine dupla Jet na carroceria Correria traz fartura Fartura traz alegria</p> <p>Bmw, Audi Q7 Um Infinity Camaro Nóis dá banho nas piranha Com champanhe e do mais caro</p>	<p style="text-align: center;">Fica Caladinha⁴</p> <p><u>Bonde do Tigrão</u></p> <p>Mãos para o alto novinha (2x) Por que ? Porque hoje tu tá presa (2x) Mãos para o alto novinha (2x) Por que ? Porque hoje tu tá presa (2x) E agora eu vou falar dos seus direitos. Tu tem direito de sentar. Tu tem o direito quicar. Tu tem o direito de sentar. De quicar de rebolar. Você também tem o direito. De ficar caladinha. Fica caladinha. Fica caladinha.(2x) E agora desce... Desce ai novinha... Desce ai novinha...(4x)</p>
--	---

As letras das músicas revelam a tentação ao consumo e a erotização do corpo feminino. A ostentação através de bens de consumo, acionam nas crianças o desejo de se porem no lugar daquele que canta, já que esse detém o poder por meio de carros luxuosos, perfumes e joias. A globalização chega para as crianças de forma sutil, onde as marcas da sua subjetivação estão na transformação daquilo que desejam ser. As expectativas corporais revelam-se sob os artefatos disponibilizados, que agregam valor comercial sobre sua própria identidade.

As composições musicais reveladas pelas crianças incidem sobre a venda dos corpos, que se transformam em mercadorias que são embaladas para consumo. Para serem mercadorias de qualidade, reinventam-se de maneira que se transformam naquilo que não

³ Disponível em: <http://letras.mus.br/mc-boy-do-charmes/1995911/>

⁴ Disponível em: <http://letras.mus.br/bonde-do-tigrao/1885641/>

são. O corpo é fabricado ao mesmo tempo em que fabrica outros. A comercialização da sensualidade que banha os corpos, sobretudo das mulheres na dança do funk, aguça na criança o desejo da arquitetura corporal exposta. “Acho legal, a dança do funk, *as mulher* rebolam bastante⁵”, disse o menino ao expressar sua admiração pela dança.

Para Felipe (2006a), a música vem se traduzindo, na atualidade, como importante artefato na espetacularização da sexualidade, indicando modos de ser, inclusive evidenciando formas de representar homens e mulheres. Com a intenção de discutir questões acerca da sexualidade e gênero, a autora aponta que:

No caso do *funk*, as letras se caracterizam pela referência explícita a práticas sexuais, sem rodeios ou sutilezas, remetendo a um mero exercício sexual, onde os órgãos genitais são mencionados, atos sexuais em suas mais variadas formas são proclamados, acompanhadas de coreografias sensuais, que remetem à exibição dos corpos femininos. Trata-se de uma sexualidade explícita, sem pudores, nem rodeios. O amor e a paixão, temas tão recorrentes nas canções de décadas passadas (não significa que hoje as músicas não se refiram a esse tema), cedem lugar ou pelo menos parecem disputar espaço com músicas que proclamam práticas sexuais (FELIPE 2006a, p. 218).

Compra-se, pela via musical aqui expressa, a erotização e a banalização da figura feminina, assim como o culto ao corpo novo. “*Mãos para o alto novinha*” sinaliza o tipo de mulher desejada, que deve, então, cumprir em silêncio as ordens dadas pelo cantor. Tais ordens suscitam movimentos erotizados que se revelam em uma suposta ingenuidade da menina que dança, onde a mesma precisa ser comandada. O misto de ingenuidade e sensualidade se entrelaçam, desencadeando uma performance corporal legitimando discursos que se aproximam de um mercado de exploração sexual.

A POLITIZAÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A INFÂNCIA SOB O MARCO DA DEFESA, GARANTIA E PROTEÇÃO DOS DIREITOS

Inegáveis são os avanços que temos hoje, no que diz respeito aos direitos das crianças, nos anúncios estabelecidos através da Constituição Federal (1988), da Convenção dos Direitos das Crianças (1989) e do Estatuto da Criança e Adolescente (1990), e que

⁵Caderno de Campo: 29 de maio de 2014.

produzem efeitos em toda mentalidade de uma época em que a infância é palco de nossas atenções. A partir desse marco, busca-se fortalecer a ideia de Proteção integral, assegurando, para as crianças “acesso às condições materiais e afetivas de cuidado”.

Sem ter a pretensão de discutir a concepção de Rede de Proteção, faz-se importante anunciá-la para compreender melhor a sua atuação nessa nova configuração, e naquilo que trazemos para o debate sobre a politização do corpo da infância na contemporaneidade, já que através desses lugares projetados que se solidificam as ações de cuidado endereçadas às crianças e adolescentes.

Como podemos acompanhar até aqui, o percurso vivido pelos corpos da infância, na contemporaneidade, desvelam marcas difíceis de serem refletidas. Essas marcas vão assentando novos discursos e alinhando novos olhares para infância e para as crianças, que parecem não desconstruir as muralhas do agenciamento, apenas tentam formatar e contornar os desafios diante das novas exigências da sociedade. Sob o discurso da proteção, seus corpos vão sendo guardados, sobretudo no que diz respeito a sua sexualidade que, a partir dos documentos legitimadores dos seus direitos, despende atenção sobre as práticas de violências sexual contra crianças e adolescentes. Portanto, a politização da infância implanta cenários que vibram sobre esses sujeitos, que agora se convencionam pela assistência e pelo direito, e que se estabelece por narrativas contemporâneas que transitam nas esferas *jurídico-normativa, médico-patológica e pedagógico-assistencialista* (SOUSA; LIMA, 2004).

Sousa e Lima (2004) apontam que os discursos aqui retratados, entre tantos outros, reafirmam que as práticas de proteção instituídas ainda são insuficientes diante das demandas atuais. Denunciam, através da pesquisa realizada em 2003-2004, junto a uma Rede de Atendimento às crianças vítimas de violências, a escassez de investimentos para o atendimento das infâncias violentadas, gerando, assim, novas violências contra os meninos e meninas. Para as autoras, ainda há demandas muito altas no que tange às prioridades nas ações de enfrentamento, assim como na efetivação de diretrizes para prevenção, apoio de defesa dos direitos das crianças.

Essa insuficiência nas políticas públicas revela a perda do acolhimento diante das múltiplas formas de violências que se instalam, priorizando uma acomodação social. Apresentam-se mergulhadas em um discurso de incapacidade de superar os abandonos das

crianças, que se legitimaram pela busca da dominação, onde os adultos foram instituindo formas de recusa das crianças, buscando viver longe daquilo que lhes diferencia (SOUSA, 2006). Neste sentido, a contemporaneidade reinventa-se e cria outras formas de abandono, cunhadas nesse passado que ainda avaliza a negação do que *não me constitui*. Essa renovação nas práticas de abandono e violência contra crianças e adolescentes, muitas vezes, aparecem veladas diante dos nossos olhos.

Sousa (2006), ao discutir o abandono, aponta formas contemporâneas que, por vezes, passam despercebidas, naturalizadas ou ignoradas. A autora cita, entre tantas, a menoridade penal, a inferiorização das crianças negras, o abandono das crianças pobres, o abandono afetivo das crianças das classes abastadas, a recusa das crianças deficientes, o abandono nos redutos escolares, o abandono das crianças vítimas de minas terrestres, o abandono pela incapacidade institucional de proteger e cuidar das crianças. Incluiríamos, nessa sequência, o abandono provocado pela exposição erotizada do corpo da infância. Os abandonos, segundo a autora, parecem “se sobrepor às acolhidas” (SOUSA, 2006, p. 21). E nessa relação de abandonos e acolhimentos, não podemos deixar de ressaltar a figura do adulto, pois é sobre essa tutela que se encontram vinculadas as crianças.

Observamos, na medida em que as crianças vão escapando da governabilidade adultocêntrica, vão sendo sentenciadas a práticas culturais das mais diversas ordens, que discursam sob o ponto de vista de padrões que tendem a docilizar suas condutas, sendo sentenciadas a viver sob a tutela dos que julgam capazes de conformá-las. As clausuras contemporâneas emergem a partir da percepção que a infância moderna não é a única a se tornar emergente. As crianças vão escapando ao controle e reverberam formas de ser e estar no mundo que ultrapassam os conhecimentos que já possuímos sobre elas. A *emergência* agora solicitada para a infância está na ordem da visibilidade e do combate às formas de violência inventadas para o seu controle. Há que se pensar nas crianças, não como um sujeito em submissão eterna, como um dever-ser, mas como novidade. A infância convida a pensar no seu aspecto inovador, como afirma Larrosa (2000): quando uma criança nasce, outro aparece em nós.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA, Adriane Peixoto. Masculinidade heterossexual e pedofilização: Apontamentos iniciais para um debate. **Revista Ártemis**, v. 6, 2007. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2124/1882> Acesso em 15 de março de 2014.
- DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam**: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DORNELLES, Leni Vieira. Artefatos Culturais: Ciberinfâncias e Crianças Zappiens. In: DORNELLES, LENI VIEIRA e BUJES MARIA ISABEL (Orgs.). **Educação e Infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo o pedófilo? **Cad. Pagu**, Campinas n.26, 2006a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30391.pdf> Acesso em 23 de maio de 2014.
- FELIPE, Jane. Representações de Gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Rev. Tecnologia e Sociedade.**, Curitiba, n.3, 2006b. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/ct/tecnologiasociedade/index.php/000/article/view/47> Acesso em 15 de março de 2014.
- FELIPE, Jane, GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Rev. Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto250.html> Acesso em 15 de março de 2014.
- LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. In: Larrosa, Jorge.(Org.) **O Enigma da Infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estanho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOMO, Mariangela. Mídia, Consumo e os Desafios de Educar uma Infância Pós-Moderna. In: DORNELLES, LENI VIEIRA e BUJES MARIA ISABEL (Orgs.) **Educação e Infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- NUNES, Maria do Rosário. **Pedofilização e Mercado**: O corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://recrianacional.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=14&Itemid=90 Acesso em: 18 de março de 2014.
- SOUSA, Ana Maria Borges e LIMA, Patrícia de Moraes. Violências e Infância: as políticas de governo do corpo e do cuidado de si. 2004. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27ª, GT

Educação Popular, 2004. Anais... Goiânia-GO, 2004. Disponível em:

28reuniao.anped.org.br/textos/gt06/gt06507int.rtf Acesso em: 15 de maio de 2014.

SOUSA, Ana Maria Borges. O Sentido Institucional de acolher: por uma gestão do Cuidado com as Crianças. In: **Ética e Gestão do Cuidado: a infância em contextos de violências**.

(Org.) Ana Maria Borges Sousa etall. Florianópolis: CED/UFSC/Núcleo Vida e Cuidado, 2006.

RECEBIDO EM 30 DE JANEIRO DE 2015.

APROVADO EM 15 DE MAIO DE 2015.